

O ARGUMENTO DAS ESCRITURAS

Ainda tem gente que é convencida a acreditar em Deus pelas evidências das Escrituras. Um argumento comum, atribuído, entre outros, a C. S. Lewis (que bem devia ter sabido), afirma que, como Jesus alegava ser o Filho de Deus, ou ele estava certo ou então era louco ou mentiroso: "Louco, Mau ou Deus". Ou "Lunático, Mentiroso ou Senhor",* **As evidências históricas de que Jesus tenha reclamado para si qualquer tipo de status divino são mínimas.** Mas, mesmo que as evidências fossem sólidas, o trilema em questão seria de uma inadequação ridícula. Uma quarta possibilidade, quase óbvia demais para ser mencionada, é a de que Jesus estivesse honestamente enganado. Muita gente se engana. De qualquer modo, como já disse, não há boas evidências históricas de que ele tenha achado que era divino.

O fato de as coisas estarem por escrito é persuasivo para pessoas que não estão acostumadas a fazer perguntas como: "Quem escreveu, e quando? "Como eles sabiam o que escrever?"; "Será que eles, naquela época, realmente queriam dizer o que nós, em nossa época, entendemos que eles estão dizendo?"; "Eram eles observadores imparciais, ou tinham uma agenda que influenciava seus escritos?": **Desde o século XIX, teólogos acadêmicos vêm defendendo que os evangelhos não são relatos confiáveis sobre o que aconteceu na história do mundo real.** Todos eles foram escritos muito tempo depois da morte de Jesus, e também das epístolas de Paulo, que não mencionam quase nenhum dos supostos fatos da vida de Jesus. Todos eles foram copiados e reco, piados, ao longo de muitas "gerações de telefones sem fio" (veja o capítulo 5), por escribas sujeitos a falhas e que, por sinal, tinham suas próprias agendas religiosas.

Um bom exemplo da cor acrescentada pelas agendas religiosas é a tocante lenda do nascimento de Jesus, em Belém, seguida do massacre dos inocentes por Herodes. Quando os evangelhos foram escritos, muitos anos depois da morte de Jesus, ninguém sabia onde ele tinha nascido. Mas uma profecia do Antigo Testamento (Miquéias 5, 2) tinha levado os judeus à expectativa de que o esperado Messias nasceria em Belém. À luz dessa profecia, o Evangelho de João afirma textualmente que seus seguidores ficaram surpresos com o fato de ele não ter nascido em Belém: "Outros diziam: Ele é o Cristo; outros, porém, perguntavam: Porventura, o Cristo virá da Galiléia? Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?".

Mateus e Lucas lidaram com o problema de outra forma, concluindo que Jesus devia ter nascido em Belém, no fim das contas. Mas eles chegaram a essa conclusão por caminhos diferentes. Mateus coloca Maria e José em Belém desde sempre, tendo mudado para Nazaré só muito tempo depois do nascimento de Jesus, na volta do Egito, para onde tinham fugido do rei Herodes e do massacre dos inocentes. Lucas, por outro lado, admite que Maria e José moravam em Nazaré antes de Jesus nascer. Como então levá-los a Belém no momento crucial, para cumprir a profecia? Lucas diz que, na época em que Quirino era governador da Síria, César Augusto ordenou a realização de um censo, com fins tributários, e todo mundo tinha que ir "para a sua cidade". José era "da casa e da linhagem de Davi" e portanto tinha de ir para a "cidade de Davi, que é chamada de Belém". Deve ter parecido uma boa solução. Tirando o fato de que, do ponto de vista histórico, ela é completamente absurda, como apontaram A. N. Wilson, em *Jesus: O maior homem do mundo*, e Robin Lane Fox, em *Bíblia: Verdade e ficção* (entre outros). Davi, se existiu, viveu quase mil anos antes de Maria e José. Por que diabos os romanos teriam exigido que José voltasse para a cidade onde um ancestral remoto havia vivido um milênio antes? É como se eu fosse obrigado a especificar, digamos, Ashby-de-la-Zouch como minha cidade no formulário do censo, se por acaso eu conseguisse rastrear minha ascendência até o Seigneur de Dakeyne, que chegou junto com Guilherme, o Conquistador, e ali se estabeleceu.

Além do mais, Lucas confunde as datas mencionando impensadamente eventos que os historiadores são capazes de verificar com independência. Houve mesmo um censo sob o domínio do governador Quirino - um censo localizado, não um que tivesse sido decretado por César Augusto para o Império inteiro -, mas ele aconteceu tarde demais: em 6 d. c., bem depois da morte de Herodes. Lane Fox conclui que "a história de Lucas é historicamente impossível e internamente incoerente", mas solidariza-se com o empenho e o desejo de Lucas de fazer cumprir a profecia de Miquéias.

Na edição de dezembro de 2004 da *Free Inquiry*, Tom Flynn, o editor dessa excelente revista, reuniu uma coleção de artigos documentando as contradições e os buracos da adorada história do Natal. O próprio Flynn lista as muitas contradições entre Mateus e Lucas, os dois únicos evangelistas que chegam a falar do nascimento de Jesus. (50) Robert Gillooly mostra como todas as características mais essenciais da lenda de Jesus, incluindo a estrela de Belém, a virgindade da mãe, a veneração do bebê por reis, os milagres, a execução, a ressurreição e a ascensão são empréstimos - cada uma delas - de outras religiões que já existiam na região do Mediterrâneo e do Oriente próximo. Flynn sugere que o desejo de Mateus de fazer cumprir as profecias messiânicas (descendência de Davi, nascimento em Belém), pelo bem dos leitores judaicos, entrou em rota de colisão com o desejo de Lucas de adaptar o cristianismo aos gentios, e portanto de utilizar pontos conhecidos e populares das regiões pagãs helênicas (virgindade da mãe, adoração por reis etc.). As contradições resultantes são evidentes, mas sempre minimizadas pelos fiéis.

Cristãos sofisticados não precisam de Ira Gershwin para convencê-los de que "As coisas que você/ Pode ler na Bíblia/ Não são necessariamente assim".** Mas há muitos cristãos pouco sofisticados por aí que acham, sim, que elas são necessariamente assim - que levam a Bíblia bem a sério, como um registro literal e preciso da história, e portanto como evidência que sustenta suas crenças religiosas. Será que essas pessoas chegam a abrir o livro que acreditam ser a verdade literal? Por que não percebem essas contradições tão evidentes? Um literalista não devia se preocupar com o fato de Mateus rastrear a descendência de José do rei Davi por 28 gerações intermediárias, enquanto Lucas fala em 41 gerações? O pior é que quase não há coincidências nos nomes das duas listas! De qualquer jeito, se Jesus nasceu mesmo de uma virgem, os ancestrais de José são irrelevantes e não podem ser usados para fazer cumprir, a favor de Jesus, a profecia do Antigo Testamento de que o Messias deveria ser descendente de Davi.

O acadêmico bíblico americano Bart Ehrman, num livro cujo subtítulo é *Quem mudou a Bíblia e por quê, revela as imensas incertezas que obscurecem os textos do Novo Testamento*.*** Na introdução do livro, o professor Ehrman traça de forma emocionante sua jornada educacional pessoal de crente fundamentalista na Bíblia a cético ponderado, uma jornada impulsionada pela esclarecedora constatação da enorme falibilidade das Escrituras. De modo significativo, conforme ele foi subindo na hierarquia das universidades americanas, desde o fundo do poço, no "Instituto Bíblico Moody" passando pelo Wheaton College (um pouco mais elevado na escala, mas ainda a *alma mater* de Billy Graham) e o Seminário Teológico em Princeton, a cada passo que dava ia sendo advertido de que teria problemas para manter seu cristianismo fundamentalista diante do perigoso progressismo. Isso se comprovou; e nós, seus leitores, somos os maiores beneficiados. Outros livros de uma iconoclastia revigorante são *Bíblia: Verdade e ficção*, já mencionado, de Robin Lane Fox, e *The secular Bible: Why nonbelievers must take religion seriously*, de Jacques Berlinerblau.

Os quatro evangelhos que chegaram ao cânone oficial foram escolhidos, mais ou menos de forma arbitrária, dentre uma amostra maior de pelo menos uma dúzia, incluindo os evangelhos de Tomás, Pedro, Nicodemo, Felipe, Bartolomeu e Maria Madalena. (51) Era a esses outros evangelhos que Thomas Jefferson se feria na carta ao sobrinho:

Esqueci de observar, quando falei do Novo Testamento, que debes ler todas as histórias de Cristo, também as daqueles que um conselho de eclesiásticos decidiu por nós serem Pseudo-evangelistas, lê-las tanto quanto os chamados Evangelistas. Porque esses Pseudo-evangelistas pretendiam a inspiração, tanto quanto os outros, e tu é que debes julgar as pretensões deles por tuas próprias razões, e não pelas razões daqueles eclesiásticos.

Os evangelhos que não entraram no cânone foram omitidos por aqueles eclesiásticos provavelmente porque incluíam histórias que eram ainda mais embarçosamente implausíveis que aquelas dos quatro canônicos. O infantil Evangelho de Tomás, por exemplo, contém várias passagens sobre o menino Jesus abusando de seus poderes mágicos como uma fada travessa, transformando descaradamente seus coleguinhas em bodes, ou transformando a lama em pardais, ou dando uma mão ao pai na carpintaria, estendendo milagrosamente uma peça de madeira.**** Alguém dirá que ninguém acredita mesmo em histórias de milagres brutos como as do Evangelho de Tomás. Mas não há nem mais nem menos motivos para acreditar nos

quatro evangelhos canônicos. Todos têm o status de lenda, tão duvidosos em termos factuais quanto as histórias do rei Artur e seus Cavaleiros da Távola Redonda.

A maior parte do que há em comum nos quatro evangelhos canônicos vem da mesma fonte, seja o Evangelho de Marcos ou uma obra perdida da qual Marcos é o primeiro descendente remanescente. Ninguém sabe quem foram os quatro evangelistas, mas eles quase certamente jamais conheceram Jesus pessoalmente. Boa parte do que escreveram não representava de maneira nenhuma uma tentativa honesta de registrar a história, mas uma simples reciclagem do Antigo Testamento, porque os autores dos evangelhos estavam devotadamente convencidos de que a vida de Jesus tinha de cumprir as profecias do Antigo Testamento. É até possível montar uma argumentação histórica séria, embora ela não conte com apoio total, para defender que Jesus nem chegou a existir, como já fez, entre outras pessoas, o professor G. A. Wells, da Universidade de Londres, em vários livros, como *Did Jesus exist?*

Embora Jesus provavelmente tenha existido, acadêmicos bíblicos respeitados em geral não acreditam que o Novo Testamento (e, obviamente, tampouco o Antigo Testamento) seja um registro confiável do que realmente aconteceu na história, e já não considerarei mais a Bíblia evidência da existência de qualquer tipo de divindade. Nas palavras sagazes de Thomas Jefferson, que escrevia para seu antecessor, John Adams, "Chegará um dia em que a geração mística de Jesus, pelo Ser Supremo como pai, no ventre de uma virgem, será categorizada junto com a fábula da geração de Minerva no cérebro de Júpiter".

O romance *O código Da Vinci*, de Dan Brown, e o filme feito a partir dele estão suscitando enormes controvérsias em círculos da Igreja. Os cristãos são incentivados a boicotar o filme e fazer piquetes nas salas que o exibem. É realmente uma fabricação do começo ao fim: ficção inventada, faz-de-conta. Nesse aspecto, é exatamente como os evangelhos. A única diferença entre *O código Da Vinci* e os evangelhos é que os evangelhos são ficção antiga, enquanto *O código Da Vinci* é ficção moderna.

* O autor ressalta a "aliteração primária" da expressão em inglês: "Lunatic, Liar or Lord" (N. T.)

** "*The things that you're li'blel To read in the Biblel It ain't necessarily so,*" (N. T.)

*** Dei o subtítulo porque é só dele que tenho certeza. O título principal do meu exemplar do livro, publicado pela Continuum de Londres, é *Whose word is it? [De quem é a palavra?]*. Não consigo achar nada nessa edição que diga se é ou não o mesmo livro que a publicação da Harper San Francisco, que não vi, e cujo título principal é *Misquoting Jesus [Citando Jesus incorretamente]*. Presumo que os dois sejam o mesmo livro, mas por que os editores fazem esse tipo de coisa? [No Brasil, o livro correspondente ao subtítulo foi traduzido como *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? - Quem mudou a Bíblia e por quê.* (N. T.).]

**** A. N. Wilson, em sua biografia de Jesus, chega a lançar dúvidas sobre a história de que José era carpinteiro. A palavra *tehton*, do grego, realmente significa carpinteiro, mas ela foi traduzida do aramaico *naggar*, que podia significar artesão ou homem culto. Esse é um entre os vários erros de tradução constitutivos que habitam a Bíblia, sendo o mais famoso deles a tradução errada do hebraico para moça (*almah*), em Isaías, transformada na palavra grega para virgem (*parthenos*). Um equívoco fácil de cometer (pense nas palavras em inglês *maid* [moça, criada] e *maiden* [donzela, moça solteira, virgem] para ver como isso pode ter acontecido), um deslize de um tradutor, seria loucamente intencionado para dar origem à absurda lenda de que a mãe de Jesus era uma virgem! O único concorrente ao título de o maior erro de tradução constitutivo de todos os tempos também tem a ver com virgens. Ibn Warraq vem alegando, de modo hilariante, que, na famosa promessa de 72 virgens para cada mártir muçulmano, "virgens" é uma tradução errada de "passas brancas claras como cristal". puxa vida, se isso tivesse sido mais divulgado, quantas vítimas de missões suicidas poderiam ter sido salvas? (Ibn Warraq, "Virgins? What Virgins?", *Free Inquiry* 26:1,2006, pp. 45-6.)

(50) Tom Flynn, "Matthew vs. Luke", *Free Inquiry* 25:1,2004, 34-45; Robert Gillooly, "Shedding light on the light of the world", *Free Inquiry* 25:1,2004, 27-30.

(51) Ehrman (2006). Veja também Ehrman (2003a,b).

(DAWKINS, R. Deus um delírio. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, - Capítulo 3. Argumentos para a existência de Deus, p. 131-137).